

IMPASSES DA MODERNIDADE E BUSCA POR NOVOS MODOS DE VIDA A PARTIR DA TERRA: HISTÓRIA DA AGRICULTURA ORGANICA EM NOVA FRIBURGO/RJ

IMPASSE OF MODERNITY AND SEARCH FOR NEW WAYS LIFE FROM THE EARTH: HISTORY OF ORGANIC FARMING IN NEW FREIBURG / RJ

Alanda Lopes Baptista Martins¹; Monica Cox de Britto Pereira²

¹Mestranda Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. alandalopes@yahoo.com.br.

²Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: coxmonica@gmail.com.

Artigo recebido em 30/11/2010 e aceito em 02/12/2010

RESUMO

As críticas ao processo de modernização da agricultura começam a ganhar força no Brasil ao final da década de 70 e início da década de 80 a partir de intelectuais e engenheiros agrônomos que contribuíram com suas publicações e práticas de manejo para o avanço da agricultura alternativa no país. Naquele momento, o município de Nova Friburgo, RJ, abrigou parcela desses precursores envolvidos com a proposta de construção de novos modos de vida e de produção agrícola. No presente artigo propomos abordar como esse processo se iniciou e realizar um histórico da dinâmica da agricultura orgânica desenvolvida no município.

Palavras-chave: Agricultura orgânica; Nova Friburgo; Rio de Janeiro; Neorurais; Agricultura Familiar.

ABSTRACT

Critics to agriculture modernization process start to grow in Brazil at the end of the 70's and beginning of the 80's, coming from intellectuals and agronomists engineers who had contributed with their researches and management practices for the advance of alternative agriculture in the country. At this time, the city of Nova Friburgo, Rio de Janeiro, sheltered part of these precursors, involved with the proposal of construction of new ways of life and agricultural production. In this article we intend to approach how this process was initiated and to carry through a description of the organic agriculture dynamics developed in Nova Friburgo city.

Keywords: Organic Agriculture; Nova Friburgo; Rio de Janeiro; Familiar Agriculture.

INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX, existia na Europa e, mais especificamente, na Alemanha um movimento por uma alimentação natural que preconizava uma vida mais saudável. Esse movimento fazia parte de uma corrente de pensamento que contestava o desenvolvimento industrial e urbano da época. No início do século XX, mais especificamente na década de 1920, surgiram as primeiras correntes *alternativas* ao modelo industrial ou convencional de agricultura (ver Quadro I a seguir). O avanço lento destes movimentos e suas repercussões práticas ocorreu em função do forte *lobby* da agricultura química, ligada a interesses econômicos de uma agricultura moderna em construção (DAROLT, 2000).

Quadro I – Principais propostas de agricultura ecológica.

| PROPOSTAS DE AGRICULTURA ECOLÓGICA | ANO | LOCAL | CONCEPÇÃO | REFERÊNCIA CHAVE |
|------------------------------------|------|----------------|-------------------------------|------------------|
| Biodinâmica | 1924 | Alemanha | Antroposófica | Rudolf Steiner |
| Orgânica | 1930 | Grã Bretanha | Ecológica | Albert Howard |
| Biológica | 1930 | Suíça/ Áustria | Política | Claude Aubert |
| Natural | 1930 | Japão | Religiosa (Igreja Messiânica) | Mokiti Okada |
| Agroecologia | 1970 | EUA | Sócio-ecológica | Miguel Altieri |

Fonte: Martins (2007) adaptado de Ehlers (1996).

As críticas ao processo de modernização da agricultura começam a ganhar força no Brasil no final da década de 70 e início da década de 80, influenciadas por discussões e movimentos ambientalistas que germinaram em diferentes lugares no mundo, principalmente a partir da década de 60. Com base em Luzzi (2007) em sua tese “O Debate Agroecológico no Brasil”, verificamos que as primeiras críticas brasileiras surgiram a partir de intelectuais e engenheiros agrônomos, que através de suas publicações contribuíram de forma significativa para o avanço do debate sobre a agricultura alternativa no país. Estas publicações se tornaram referência e cativaram o interesse da opinião pública pelos dilemas ambientais da modernização e de suas propostas alternativas, se difundiu as críticas e impactos negativos dos agrotóxicos¹. Foram organizados vários encontros de agricultura alternativa por associações estaduais de engenheiros agrônomos e pela Federação dos Estudantes de

¹ Para publicações referência ver Lutzemberger (1976) e Paschoal (1979).

Agronomia do Brasil. O primeiro encontro, I EBAA, foi mobilizado por grupos de São Paulo, entretanto por falta de apoio do governo do estado, transferiram para Curitiba (1981), daí se desdobraram o II EBAA (Petrópolis, 1984), III EBAA (Cuiabá, 1987) e IV EBAA (Porto Alegre, 1989).

Por ocasião do I EBAA (1981), praticamente inexisteriam experiências produtivas em agricultura alternativa até o momento em que surgiram no país as duas experiências pioneiras: a Estância Demétria, surgida em Botucatu – SP em 1972 com base na agricultura biodinâmica e, em 1973 o sítio do engenheiro agrônomo formado no Japão Yoshio Tsuzuki, localizado em Cotia – SP, com produção de hortaliças e fruticultura baseada em práticas agrícolas como a adubação orgânica, a cobertura morta e a rotação de culturas (LUZZI, 2007).

Aqui no presente artigo propomos abordar como esse processo chegou em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, e realizar um histórico da dinâmica da agricultura orgânica desenvolvida no município, por meio de levantamento bibliográfico e da realização de entrevistas semi-dirigidas com atores sociais atuantes na agricultura orgânica desde o início.

AGRICULTURA ORGÂNICA

No I Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, a agricultura alternativa foi definida com base em alguns critérios que podemos acompanhar abaixo em trecho da Carta de Curitiba, de abril de 1981:

Uma nova postura diante da agricultura por um conjunto de técnicas aplicadas às produções vegetal e animal; essas técnicas são capazes de gerar alimentos de alta qualidade biológica, respeitando a natureza, trabalhando com ela e não contra ela, por meio de um ciclo autárquico de produção, quer em nível de propriedade, quer de país, num balanço energético equilibrado; mantém a fertilidade do solo com a generalização da policultura e da integração de lavoura e criação, realizando, assim, o controle da erosão e a preservação da água potável, com uso judicioso de fertilizantes e sem o emprego de agrotóxicos (...), cria soluções adequadas com vistas a atingir as causas e não os sintomas; tem como objetivo maior a valorização do homem e seu trabalho (BONILLA, 1992, p. 101).

Três anos depois, em 1984, no Seminário de Pesquisa em Agricultura Alternativa de Londrina foram aprovados os seguintes pressupostos:

Entende-se como agricultura alternativa o conjunto de técnicas, processos e sistemas que busquem mobilizar harmonicamente todos os recursos disponíveis na unidade de produção e que reciclem os nutrientes e maximizem o uso dos insumos orgânicos nela gerados, que reduzam o impacto ambiental e a poluição, que controlem a erosão, que usem máquinas que humanizem o trabalho (...), que minimizem a dependência externa de tecnologia e matérias-primas, que busquem a otimização do balanço energético da produção e que produzam alimentos baratos e de alta qualidade biológica, em escala para suprir as necessidades internas e gerar excedentes exportáveis (BONILLA, 1992, p 102).

Segundo Bonilla (1992), a agricultura alternativa consiste em um modelo de **otimização produtiva**, que prioriza a qualidade biológica dos alimentos e a preservação do sistema produtor, a partir da manutenção da microfauna e da microflora do solo. Por intermédio destes, os nutrientes são absorvidos de maneira equilibrada, gerando benefícios às plantas e dispensando adubos químicos e agrotóxicos. Este conceito engloba também o nível de absorção da mão de obra rural e da qualidade de vida das pessoas envolvidas no processo de produção agrícola.

Sistemas de produção de base ecológica, de maneira geral, caracterizam-se pela utilização de tecnologias que respeitem a natureza, mantendo ou alternando, as condições de equilíbrio entre os organismos participantes do processo de produção, bem como do ambiente como um todo. Com base no emprego destes princípios, foram desenvolvidas diferentes correntes de produção com dimensão ecológica, dentre as quais a agricultura orgânica tem sido a mais difundida, e muitas vezes sendo reconhecida junto ao mercado como sinônimo de todas as outras (ASSIS, 2003).

Neste estudo, utilizaremos como referência para o termo agricultura orgânica, o contexto das práticas e mercados biológicos, biodinâmicos, naturais, regenerativos etc., em conformidade com as normas e critérios de avaliação das qualidades orgânicas de acordo com Associação dos Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (2006). A ABIO, por sua vez, se baseia no parâmetro normativo da IFOAM (International Federations of Organic Agriculture Moviments), o mais utilizado no mundo, que estipula a proibição do uso de alguns insumos entre outras práticas a serem seguidas para assegurar a qualidade orgânica

(FONSECA, 2006). Independente da corrente que orienta o manejo nas produções ecológicas ao ser inserido em mecanismos de comercialização este passa a ser rotulado como “orgânico”, de acordo com o critério de certificação estabelecido pelas instruções normativas de padrão internacional como a IFOAM. Segundo Fonseca (2006), a PESAGRO-Rio (Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio de Janeiro) adota a seguinte definição de agricultura orgânica:

(...) o manejo agropecuário, florestal e do extrativismo que se utiliza da água limpa, dispensa o uso de adubos químicos, agrotóxicos ou de medicamentos veterinários de natureza sintética. Ela busca desenvolver um sistema equilibrado, socialmente justo e economicamente viável (FONSECA, 2006, p. 07).

Os princípios da agricultura orgânica devem estar fundamentados em preceitos ecológicos - praticada com base em sistemas e ciclos ecológicos vivos, de saúde - por promover a saúde dos solos, das plantas, dos animais, dos seres humanos e do planeta, como uma unidade indivisível, assim como da justiça - por se basear em relações que assegurem justiça para o ambiente comum e oportunidades de vida (FONSECA, 2006).

PRODUTORES ALTERNATIVOS E PRODUÇÃO ORGÂNICA EM NOVA FRIBURGO

O município de Nova Friburgo se localiza na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, região que concentra 50% das terras cultivadas de todo o Estado destinadas principalmente ao abastecimento da metrópole (UMBELINO, 2003). A história da agricultura do município de Nova Friburgo está associada, em suas origens à implementação da experiência de colonização estrangeira no Estado do Rio de Janeiro, na qual, pela primeira vez, foi permitido a estrangeiros, em sua maioria de origem suíça, que pudessem ter acesso a terras brasileiras, antes restritas a originários da colônia ou de Portugal (CORRÊA, 2008). A colônia de Nova Friburgo é fruto da primeira experiência oficial de colonização no Brasil que aconteceu no início do século XIX acompanhando as correntes migratórias vindas da Europa em direção à América (CARNEIRO *et al*, 2010).

A maior parcela desses colonos que permaneceu no município ficou concentrada no distrito de Lumiar e foram paulatinamente se afirmando economicamente com suas produções de café e gêneros alimentícios, abastecendo a cidade e exportando para a então capital federal. Apesar do apregoado fracasso do projeto de colonização estrangeira, Nova

Friburgo apresentou, durante seu desenvolvimento ao longo do tempo, reminiscências desse momento inicial, marcas do projeto de trabalho livre e de pequena propriedade agrícola familiar no município (CORRÊA, 2008).

Atualmente, o município abarca uma produção agrícola representativa no Estado, com aproximadamente 1.600 propriedades rurais que ocupam em torno de 21.000ha em média no total. A maior parte dessas propriedades são minifúndios com áreas de até 40ha, nas quais predominam a modalidade de agricultura familiar com meeiros, parceiros, arrendatários e empregados com vínculo empregatício. Os produtores estão organizados em mais de 30 associações rurais (SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA, 2010).

A agricultura praticada no município apresenta as características básicas da agricultura moderna preconizadas pela Revolução Verde, com o uso de insumos químicos, mecanização e irrigação, com destaque para a produção de flores, sendo o segundo município do país em produção, além de folhagens de corte, olerícolas, frutas e outras produções de porte variado. Segundo Mata (2006), a modernização introduzida pelo modelo da agricultura convencional proporcionou uma elevação do nível sócio-econômico, entretanto causou danos relacionados à utilização intensiva dos insumos e ao manejo dos solos na região.

A produção de alimentos cultivados organicamente no Estado do Rio de Janeiro, conforme ressalta Fonseca (2006), esteve restrita a princípio a pequenos grupos de comunidades alternativas que procuravam desenvolver um ecologismo radical em seu dia a dia, buscando o abandono da civilização industrial. A comercialização de seus produtos visava além da questão ideológica do movimento, a redução dos custos e a facilidade do acesso ao consumidor.

Barros (2009) sinaliza que o caráter específico dessa produção orgânica iniciada no estado do Rio de Janeiro a partir de 1980 está no perfil desses produtores pioneiros - agrônomos, em sua maioria de origem urbana - que produziam olericultura na Região Serrana do Rio de Janeiro, área identificada como cinturão verde do estado e relativamente próxima a Região Metropolitana. E nesse momento, o município de Nova Friburgo abrigou boa parcela desses atores sociais envolvidos com a proposta de construção de novos modos de vida e de produção agrícola.

De acordo com Umbelino (2003), esta produção inicial teve sua tecnologia apropriada pelos produtores rurais e profissionais liberais, que buscaram desenvolver técnicas e organizar a produção para comercialização. Somente em um momento posterior, órgãos de pesquisa, como a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e a PESAGRO direcionaram suas atividades ao desenvolvimento de tecnologias apropriadas aos princípios ecológicos.

Em 1985 alguns desses produtores orgânicos que haviam se organizado no ano anterior para a realização da primeira feira de produtos orgânicos do país, em Nova Friburgo (ABIO, 2006), criaram a ABIO (Associação dos Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro) objetivando, principalmente, favorecer a troca de experiências entre os produtores e facilitar a comercialização dos seus produtos através de estruturas comuns de pontos de varejo (FONSECA, 2006). Essa produção, direcionada principalmente aos mercados consumidores da capital, passa a ser comercializada sob a garantia da procedência orgânica dos produtos.

Apesar do número de produtores associados a ABIO no município de Nova Friburgo ter aumentado desde o início, ainda é perceptível o predomínio de produtores de mesmo perfil sócio-econômico dos produtores iniciais. Podemos denominar de neorurais - oriundos da cidade, afinados com o movimento de crítica ao padrão de desenvolvimento que levou a vida estressante na cidade e, na maioria dos casos, procuram o interior e se aproximam da atividade agrícola, apesar de não terem na agricultura a sua principal fonte de renda.

Umbelino (2003) destaca que embora inicialmente a agricultura orgânica praticada na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro estivesse limitada a este público-alvo de produtores de vanguarda, com um forte cunho ideológico e que apresentam, em sua maioria, um elevado grau de instrução, a experimentação dessas tecnologias passou também a ser difundida entre produtores menos instruídos e capitalizados. Esses, motivados principalmente por questões de saúde pessoal e de possibilidade de ampliação da renda.

Entretanto, hoje na ABIO/Nova Friburgo são ainda poucos os agricultores familiares associados. Há vários casos de produtores familiares que se associaram e realizaram a conversão de seu sistema produtivo com o propósito de cultivar alimentos de uma maneira mais saudável. Todavia, justamente estes agricultores que tem maior necessidade da renda proveniente da agricultura, não conseguem alcançar os retornos financeiros necessários para dar continuidade à atividade e acabam retornando ao manejo convencional.

O município de Nova Friburgo apresenta atualmente onze (11) produtores orgânicos associados a ABIO, desconsiderando os produtores localizados nos arredores em outros

municípios. Desse total, apenas um produtor possui experiência anterior de prática agrícola e pode ser considerado agricultor familiar, com renda sendo basicamente proveniente da agricultura.

O perfil dos demais produtores se constitui, em sua maioria, de profissionais de diferentes áreas, ex-residentes da cidade do Rio de Janeiro e que buscaram, após a aposentadoria, uma melhor qualidade de vida no interior, assim como uma atividade que lhes proporcione um contato mais próximo com a natureza. Esses sujeitos trazem consigo concepções ambientalistas que se traduzem na opção pelo manejo agrícola de base ecológica em suas propriedades. Como pode ser observado na fala desta produtora:

Eu acompanhei isso pela mídia [*movimento de agricultura ecológica no Rio de Janeiro*], pelo encarte da revista do Jornal JB, e foi aí que eu despertei, era cômodo, você chega no supermercado, na feira, pega, não me mostrava o que tinha por detrás do alimento. Como eu estava me preparando também para me aposentar e queria morar na área rural isso me despertou. Aí eu percebi que o grande lesado dessa história é o produtor, nós enquanto consumidores a coisa vem bem diluída pra gente em termos de agrotóxicos. Aí foi que me envolvi nessa área. (...) Então a gente veio, com a ajuda de nossa aposentadoria, tentar provar que era possível para o agricultor não ficar refém do veneno.

Como estes não têm a urgência do retorno do capital investido na lavoura, de suas aposentadorias, tornam-se empreendedores mais ousados, investindo em infra-estrutura de produção e transporte, capacitação e contratação de mão de obra assalariada. Esse perfil de produtor é o que apresenta perspectivas mais otimistas de se consolidar na atividade, empenhando-se no fomento de suas produções através de experimentos e inovações no cultivo e na conquista de novos mercados. Sobre o processo da construção de conhecimentos agrícola ecológico, esta mesma produtora destaca o que considera o maior entrave ao agricultor convencional familiar de migrar para um manejo ecológico:

A dificuldade que essencialmente eu vejo é a difusão da tecnologia, ou seja, uma boa assistência técnica, não aquilo: “*tenta não sei o que*”. Eu sou profissional e todo agricultor é profissional, ele já estava com seu pacote arrumadinho e dizem pra ele “*tenta*”, ele depende disso pra sobreviver, então ele não pode. Comigo foi tudo no

erro e no acerto, né... O agricultor familiar não pode ter erros porque ele depende economicamente daquilo.

Há ainda, um grupo de produtores que também podem ser considerados neorurais, já que também são de origem urbana e não possuíam experiência agrícola anterior, mas que pretendem viver apenas da renda agrícola e cujas motivações para o manejo orgânico são marcadas por um forte traço empresarial, associado à concepções ideológicas ambientalistas. São jovens profissionais com formação superior, que também buscam um estilo de vida mais tranquilo junto à natureza, mas são atraídos principalmente pelo potencial sobre-preço dos produtos orgânicos. Aqui, há uma forte tendência de se orientar a produção para um nicho de mercado disposto a pagar mais caro por um produto diferenciado. Esses produtores também enfrentam desafios econômicos para permanecerem na atividade, da mesma forma que os produtores familiares. Porém, ainda contam com a vantagem de terem uma rede social mais ampla, o que facilita o acesso a mercados elitizados da capital. Essa situação pode ser percebida na fala deste produtor em um evento promovido por uma certificadora do Rio de Janeiro:

(...) a gente tinha o sonho de morar na roça, de ter uma vida tranquila, de morar no paraíso, que é o nosso sítio e essa região toda. Achávamos que a gente ia ficar lá, que a gente ia produzir, ia passar um caminhão no nosso sítio, ia pegar a carga e ia vender e ia trazer o dinheiro de volta com as caixas puras de volta. Mas pra gente poder sobreviver a gente tem que produzir, a gente tem que transportar, a gente tem que processar, a gente tem que vender, ou seja, o time todo joga em todas as posições. Infelizmente aquele estilo de vida nosso fica um pouco prejudicado por isso, a gente queria ficar na roça e acaba ficando no carro, ficando na estrada, ficando no Rio, viajando e tal. Então estou muito longe daquilo que a gente busca, daquilo que seria o ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitos os impasses da modernidade. A busca pelo retorno a terra tem ocorrido tanto por agricultores familiares que reivindicam a reforma agrária, assim como por moradores da cidade que buscam novas possibilidades de vida. Modos de vida esses que passam tanto pela possibilidade de aprendizado ecológico e produtivo com a terra, assim como por modos de vida mais conectados com o tempo da natureza e a dinâmica da reprodução da vida.

Nesse contexto mais amplo lidamos com grande complexidade, a agricultura orgânica aqui abordada tem apresentado desafios e contradições. Em sua proposta inicial almeja-se também a possibilidade de um desenvolvimento socioambiental justo para o campo. Entretanto existem dificuldades no que tange a organização e envolvimento de agricultores com suas demandas para além do mercado orgânico, visto que a permanência desses agricultores familiares na agricultura traz elementos sociais, políticos e ambientais importantes em torno do conhecimento e reprodução de uma agrobiodiversidade nativa por parte de uma agricultura tradicional (MARTINS, 2007). Há um processo de saída dos agricultores familiares do sistema produtivo orgânico que suscita questionamentos em torno dos mecanismos de exclusão desses atores, centrais para a promoção de uma agricultura sustentável. Frente a este panorama, podemos levantar algumas questões importantes. Quais seriam os mecanismos de comercialização mais coerentes com os desafios de uma produção agrícola de base ecológica? Os processos de avaliação da conformidade exigidas pela legislação orgânica restringem o acesso de agricultores familiares a este mercado diferenciado? Como se dá a relação do Estado, através de políticas públicas, na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável? Qual a importância da agricultura familiar para o fortalecimento de uma produção orgânica e de uma agricultura sustentável? São esses alguns pontos que, em conjunto, podem nos levar a refletir a respeito dessa dinâmica social e do papel dos agricultores protagonizando um futuro no qual a agricultura tenha papel chave para o desenvolvimento nas dimensões ecológica, social, cultural, política e humana.

REFERÊNCIAS

ABIO - Normas Técnicas para a Certificação de Produtos Orgânicos - versão 2002. Disponível em: <<http://www.abio.org.br>>. Acesso em: dezembro de 2006.

ASSIS, R. L. de.; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n.6, p. 67-80. Curitiba: UFPR, 2002.

BARROS, R. C. Agricultura orgânica no Rio de Janeiro: exemplo da interação rural-urbana. Disponível em :<http://egal2009.easyplanners.info/area06/6063_Cohen_Barros_Regina.doc. Acesso em: 3 de setembro de 2010.

BONILLA, J. A. Fundamentos da Agricultura Ecológica: sobrevivência e qualidade de vida. São Paulo: Nobel, 1992.

CARNEIRO, M. J.; BERTONILLO, A.; BERTONILLO, L. C. Agricultores e Território: práticas e saberes. Trasso Comunicação Ltda, RJ, 2010.

CORRÊA, M. J. B. O cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: práticas e representação social. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008.

DAROLT, M. R.. As principais correntes do movimento orgânico e suas particularidades. Publicado em 2000. Disponível em: <www.planetaorganico.com.br>. Acesso em: dezembro de 2006.

EHLERS, E. Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma. Ed. Livros da Terra, SP. 1996.

FONSECA, M. F.; CARRANO, S. Regulamentação na agricultura orgânica: sistemas participativos de garantia. Niterói: PESAGRO - RIO, 2006. 19 p.

LUZZI, N. O Debate Agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores sociais. Tese de doutorado, CPDA / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 182 p., 2007.

MARTINS, A. L. B. Agricultura orgânica: desafios e potencialidades da produção em Nova Friburgo, RJ. Niterói, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Curso de Bacharelado em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2007.

MATA, A. P. Legislação ambiental e uso atual do solo: o caso da microbacia do córrego de São Lourenço – Nova Friburgo – RJ. Niterói, 2006. 89 f. Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA DE NOVA FRIBURGO, 2010.

UMBELINO, L.F. A difusão da agricultura orgânica na região serrana do estado do Rio de Janeiro. In: Revistando o território fluminense, p. 149-168, Rio de Janeiro: NEGEF, 2003.